"LUGAR DE MULHER É NA COZINHA": REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS FEMININAS DAS CIDADES NOS MANUSCRITOS CULINÁRIOS

Maíra Cordeiro dos Santos[1]
Beliza Áurea de Arruda Melo[2]

Resumo: A cozinha e as atividades domésticas têm sido, historicamente, relacionadas às mulheres, como atributo natural de sua identidade. A tradição de cadernos de receita compõe a construção identitária feminina. Esses manuscritos inscrevem a história das mulheres e, consequentemente, das cidades. As comidas - signos motivadores da memória individual e coletiva - desenham uma cartografia dos costumes, da vida privada das famílias, mostrando a teia da circularidade dos saberes e as conexões com a memória da cidade. Utilizar-se-ão as teorias de Perrot: 2006, Priore: 2004, Stearns 2007, Montanari: 2008, Bosi: 1994, Bhabha: 1998 e Possenti: 2009.

Palavras-chave: Mulheres. Memória. Manuscritos Culinários.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar a memória e as representações femininas a partir dos manuscritos culinários - que recepcionam o gênero textual receita culinária - de mulheres moradoras da cidade de João Pessoa e da cidade de Nova Palmeira. Estes manuscritos expõem uma parte da história e memória das mulheres habitantes das cidades de João Pessoa e Nova Palmeira a partir dos manuscritos dos cadernos de receita. As comidas atualizam-se como signos motivadores da memória individual e coletiva, desenhando uma grande cartografia dos costumes e do comportamento das famílias, mostrando a teia da circularidade dos saberes e dos sabores e as conexões com a memória feminina das cidades.

Os cadernos analisados pertencem a mulheres com cerca de 40 anos, que trabalham fora e dentro de casa e foram escritos entre as décadas de 1990 e 2000. O caderno de João Pessoa pertence a Dona Marivone e o caderno da cidade de Nova Palmeira pertence a Dona Lúcia Gomes. Enquanto João Pessoa é uma grande cidade,

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB)
[2] Orientadora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB)

com quase um milhão de habitantes, a cidade de Nova Palmeira se localiza no Seridó paraibano e possui pouco mais de três mil habitantes. Essa diferença regional e de número de habitante reflete nas escolhas e nas representações femininas que se desenham nos cadernos de receita.

1. Representações e Memórias Femininas nos Manuscritos Culinários

Os cadernos de receitas culinárias são a materialidade da identidade atribuída às mulheres, desde os tempos antigos, nas sociedades patriarcais relativa às atividades domésticas. Para tanto, esses cadernos guardam a memória feminina: a história das cidades, dos laços que permeiam o gosto coletivo e individual e memória individual de ser mulher. Permeia, ainda, a memória das tradições, das inovações, manifestando um hibridismo entre o passado e o presente e indicando as projeções para o futuro. Relata a mudança possível no curso da vida social e a espelha. O caderno tem uma função aplicativa e busca um receptor para exercer a função prática de ordem e informatividade.

A comida marca o elemento de identidade social das autoras: gostos, idade, região, classe social, nível de escolaridade: mapas das relações humanas constituindo um código histórico/sociológico/antropológico. O manuscrito reflete, ainda, a marca pessoal da escrita da autora e o arquivo de sua memória, os costumes e a tradição de uma época que ficam registrados na escritura.

A prática de escrever cadernos de receitas está presente na sociedade desde muito tempo atrás, uma tradição forte, sobretudo, no nordeste. Através desta prática, as mulheres refletem a preocupação com a casa e a com sua administração e as relações existentes entre a mulher e a sociedade. Através da comida identificam-se os hábitos e costumes de cada família e da sociedade. A importância das receitas se faz presente como fontes de memórias, quer sejam memórias de uma sociedade tradicional, quer sejam de uma modernidade pontuada pelas mulheres, através dos discursos midiáticos.

Assim, esses cadernos demonstram as transformações que a modernidade vem acrescentar nessa tradição, com a influência da TV e dos demais aparatos modernos. Mesmo com as máquinas de datilografar, computador, com os novos utensílios trazidos pelo mundo moderno, a tradição dos manuscritos revela a relação das memórias pessoais com o texto escrito de cada mulher, relação bastante influenciada por uma

memória coletiva, que revela a afinidade e o envolvimento da mulher com seu mundo e com a sociedade.

Bosi (1994) afirma que na memória familiar, a figura materna – feminina – pode ser descrita por traços físicos ou morais, ou mesmo através de seu trabalho, mas constitui uma figura central na cadeia familiar. E as lembranças giram, sobretudo, em torno da alimentação. Penetrar na casa em que estão objetos biográficos é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. Assim também são os manuscritos culinários que revelam uma memória de família e de quem é seu dono. Segundo Bosi (1994, p. 418), "o tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história".

Segundo Montanari (2008) apenas os países de longa tradição escrita puderam desenvolver um gênero de literatura técnica, o tratado culinário. Para ele, com a construção de uma memória escrita da cozinha se torna possível:

> o desenvolvimento cumulativo dos conhecimentos, se concretizado um saber constituído, o que não se verifica, pelo menos em forma material e tangível, nas sociedades de tradição oral. A cozinha escrita permite codificar, em um repertório estabelecido e reconhecido, as práticas e as técnicas elaboradas em determinada sociedade. A cozinha oral teoricamente está destinada, em longo prazo, a não deixar traços de si. (MONTANARI, 2008, p. 62).

Diante disso, muitas mulheres ficaram, historicamente, restritas ao espaço privado e a única escritura que lhes era permitida era aquela que melhor as representava: cadernos de receita culinária. Por meio da escrita de receitas as mulheres registravam a história da vida e da sociedade a que estavam inseridas, representando seus gostos e também as coerções que lhes eram impostas pela sociedade.

Stearns (2007) afirma que, culturalmente, os sistemas patriarcais enfatizaram a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. Insistiam nos deveres domésticos e, algumas vezes, restringiam o direito de as mulheres saírem em público. O alcance do patriarcado foi poderoso e extenso, atingindo a maioria das sociedades ocidentais antigas e chegando às modernas, mesmo que de forma desigual em cada uma delas. Assim, muitas mulheres ficaram isoladas no sistema do espaço privado.

Segundo Stearns (2007), no início da colonização européia na América o catolicismo dominou os contatos com os indígenas, levando suas crenças e cultura. As

idéias cristãs sobre sexualidade adequada e domínio masculino no casamento eram bastante ressaltadas. As mulheres deveriam ter responsabilidade limitada à esfera doméstica, adornado com a idéia da fragilidade e bondade moral do "sexo mais fraco". Assim, o contato com os europeus piorou as condições das mulheres índias – que tinham papéis importantes nas sociedades indígenas -, deixando um legado de deterioração da condição feminina até os dias atuais. O resultado dessa colonização foi, portanto, uma menor flexibilização no casamento para homens e mulheres e um aumento da violência masculina em casamentos que não davam certo.

O legado da colonização no século XVI e XVII imprimiu marcas nos séculos posteriores em relação à condição feminina que a restringia ao espaço privado (doméstico). Perrot (1991) expõe que no século XIX é narrada toda a história do novo ideal doméstico: pretendem-se moralizar com as virtudes da boa dona de casa as mulheres das classes operárias. As da pequena nobreza se convertem às práticas de uma sociabilidade mais íntima e transformam seus castelos em interiores domésticos. Para as mulheres, as atividades domésticas (cada vez mais reservadas às da burguesia e das classes superiores) eram consideradas como as mais adequadas ao desenvolvimento das práticas cristãs.

Segundo a autora, as mulheres faziam da maternidade e da administração doméstica uma profissão, afinal a esfera do público era tida como perigosa e amoral. A masculinidade, por outro lado, consistia na capacidade dos homens em atender aos seus, cuja dignidade estava ligada à sua profissão. A feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundava na dependência e, se tivesse alguma ocupação, a mulher perderia qualquer distinção.

A primeira imagem mostra a contracapa de um caderno de receitas em que há algumas frases-pensamentos: "a verdadeira amizade deixa marcas positivas que o tempo não pode apagar", "não pize hoje tanto quem você poderá amar amanhã", "no amor não existe mêdo, antes o perfeito amor lança fora o medo", "é triste a tua partida, e mais triste é viver sem você"[3]. Esses pensamentos revelam as marcas femininas construídas em sua memória: a amizade e o amor. As mulheres foram criadas, historicamente, sobretudo, para casarem e perpetuarem. Ainda que as representações no mundo moderno tenham mudado e a mulher de hoje tenha uma emancipação e independência, as marcas do amor e do casamento continuam a permear a sua memória, sobretudo

[3] Mantém-se o registro ortográfico da autora.

quando se vive em sociedades tradicionais interioranas, como a autora deste caderno. Percebe-se, portanto, a materialidade do amor perfeito que a mulher deve encontrar em seu “príncipe encantado” das histórias infantis.

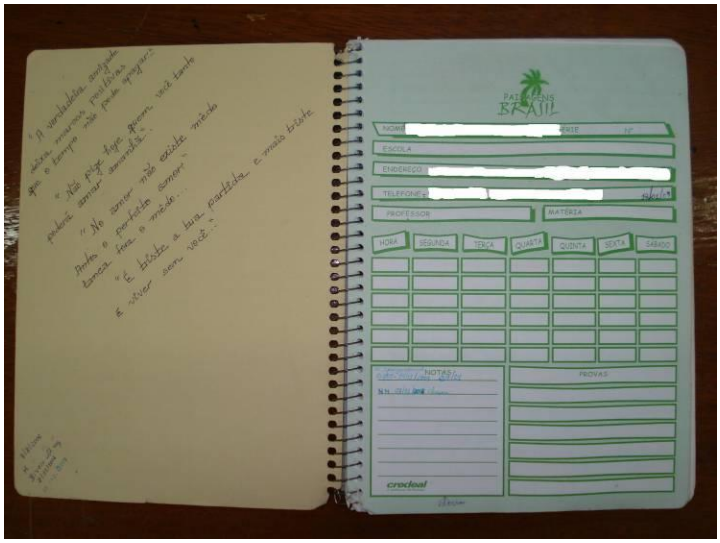
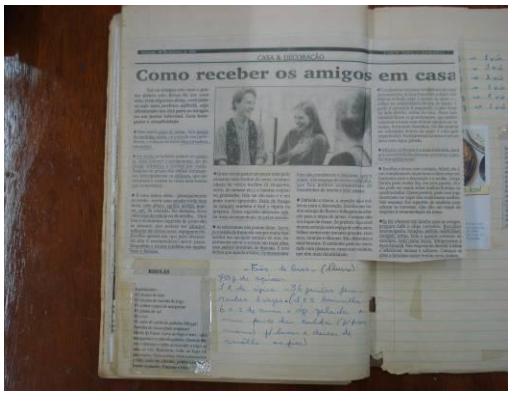


Imagem 1 – Caderno de Receitas de Dona Lúcia Gomes. Fonte: Arquivo pessoal.

Para Perrot (1991), as mulheres, excluídas de qualquer participação nos negócios e na vida pública, reinavam no privado pelo sistema da etiqueta, das regras da “sociedade” e da “temporada”. Em meados do século XIX, na imaginação inglesa, a casa realmente era o local das doçuras e delícias, mas percebidas de formas diferentes pelos homens e pelas mulheres. Os homens podiam mesclar as preocupações, temores e profundas satisfações da vida pública aos encantos recônditos do lar. Entre as mulheres raramente existia essa dualidade: possuíam apenas e exclusivamente o lar, quadro “natural” de sua feminilidade.

No âmbito brasileiro, Falci (2006) revela que no sertão nordestino do século XIX, a mulher de elite, mesmo com certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política. Muitas filhas de famílias poderosas nasceram, cresceram, casaram e, em geral, morreram nas fazendas de gado. Raramente aprenderam a ler, no entanto, aprendiam a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura, a música, a culinária. Esse ambiente era propício para a elaboração de cadernos de receita como memória de família, aprendida e repassada entre as gerações.

Nesse sentido, as imagens 2, 3 e 4 demonstram um aspecto que aparece em muitos cadernos de receita e que faz parte da memória e das representações femininas: o cuidado com a etiqueta e a decoração dos ambientes domésticos. Assim, cabe à mulher não apenas o cuidado com a cozinha e com a alimentação da família. Ela deve saber etiqueta para se portar dentro e fora de casa; deve ter noções de decoração dos ambientes da casa e deve saber como receber pessoas. A mulher deve ser completa em todos os afazeres domésticos, inclusive nos que dizem respeito à boa educação. Uma boa mãe é aquela que educa seus filhos, sobretudo suas filhas, e lhes dão educação para se comportarem nos ambientes sociais a que a família pertence.



Imagens 2, 3 e 4 – Caderno de Receitas de Dona Marivone. Fonte: Arquivo Pessoal.

2. Representações Femininas no século XX e XXI

Os cadernos demonstram a memória sócio-histórica da cidade, do país e dos acontecimentos que marcaram a sociedade. A sua escritura deixa transparecer traços que representam a mulher e sua memória.

Segundo Stearns (2007), o século XX assiste a profundos contatos culturais entre os povos graças ao aumento do comércio e das viagens e, principalmente, às novas mídias como cinema e televisão. Os agentes do colonialismo são agora midiáticos.

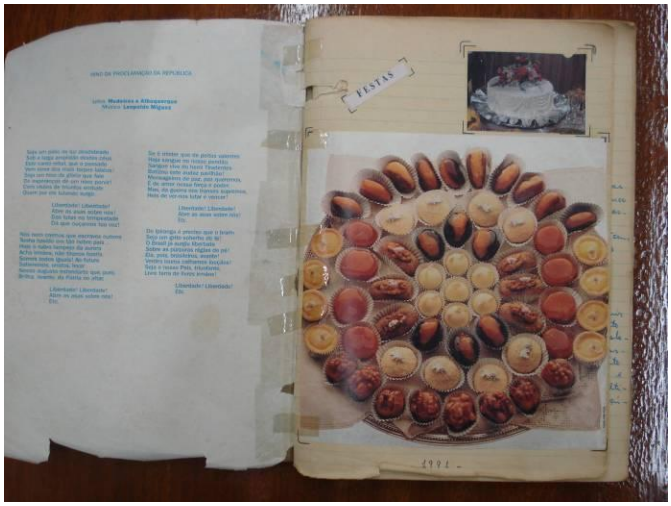
Foi nesse século que surgiu o fenômeno do feminismo a partir dos anos de 1960. Joan Scott (1992) afirma que o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres (indivíduos do sexo feminino) com um interesse comum no fim da subordinação, da invisibilidade, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas.

Para Stearns (2007), outra força cultural que gerou impacto potencial nas relações de gênero foi a questão do consumismo, com lançamento de novos produtos, freqüentes mudanças na moda, utilização de cosméticos, constantes buscas de novas formas de entretenimento. A cultura midiática insiste que um dos papeias da mulher é ser atraente, ao mesmo tempo em que reforça o comportamento agressivo dos homens. Segundo o autor, a partir desse padrão, um grande número de mulheres começou a lançar mão de dietas e medidas drásticas para ficar magra. Essa mudança nos hábitos alimentares das jovens não envolve novas afirmações de poder, mas uma redefinição do que é preciso para se tornar bonita e atraente sexualmente.

Bauman (2001) afirma que no século XX e XXI não é mais verdade que o espaço público tente colonizar o privado. O que se dá é o contrário: é o privado que coloniza o espaço público. O espaço público, hoje, é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Para Bauman (2001, p. 46) “O “interesse público” é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição públicas das questões privadas e a confissões de sentimentos privados”. Para a autor, “a verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da “esfera pública” e do “poder público”. Agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado” (BAUMAN, 2001, p. 62).

Segundo Bauman (2001) esperava-se que os golpes fossem desferidos e o perigo viesse do lado “público” sempre pronto a invadir e colonizar o “privado”, lugar do subjetivo, do individual. Pouca atenção foi dada, no entanto, aos perigos que se ocultavam no esvaziamento e estreitamento do espaço público em relação à possibilidade da invasão inversa: a colonização da esfera pública pela privada. E, assim, acrescenta o autor, o espaço público, cada vez mais, está vazio de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas.

A capa e a contracapa do caderno abaixo evidenciam a passagem da história do Brasil dos 100 anos de República, ocorrido em 1989, com o hino nacional. Essa "escolha" ainda que pareça "por acaso" denota a participação das mulheres na escrita e no registro dos acontecimentos que a cercam e que constroem sua memória ao longo da sua vida. As imagens da primeira página denotam a finalidade do caderno: elaboração de receitas para festas. O elemento visual e não-verbal - as imagens dos doces e do bolo - compõe um imaginário de beleza e sabor.



Imagens 5 e 6: Capa e contracapa do caderno de receitas de Dona Marivone. Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens 5 e 6 apresentam um traço que marca profundamente o século XX e o século XXI. Nas imagens aparecem as novas tecnologias da cozinha que chegaram para facilitar e tornar rápido o ato de cozinhar, para a nova mulher que assumiu uma nova representação: a dupla jornada de trabalho fora e dentro de casa. Para a nova mulher do século XX e XXI, o trabalho fora de casa tornou-se uma realidade necessária e tangível. Mas a sua representação como "dona do lar" não se esvaiu. Ao contrário, uma nova representação de mulher passou a dominar com a chegada da modernidade: a mulher trabalhadora e a mulher do lar. E novos conceitos passaram a dominar essa nova vida: rapidez, facilidade, praticidade.

As imagens abaixo, do caderno de Dona Marivone, evidenciam um novo caráter que surgiu no século XX: as tecnologias.

Imagens 7 e 8 – Caderno de Receitas de Dona Marivone. Fonte: Arquivo pessoal

Na primeira imagem aparece um recorte da revista Máxima, da coluna “a cozinha prática de Dona Edith”. A manchete diz “ligou, bateu... pronto” e logo abaixo “quem tem tempo para preparar receitas complicadas? Nem precisa. Com o liquidificador é tudo mais simples de fazer”. Na coluna, Dona Edith aconselha o uso do liquidificador nas recita e indaga: “que tal preparar uma torta ultra-rápida, um musse de chocolate ou até um suflê?”. Nessa “coluna” percebemos vários traços da modernidade e da nova representação da mulher: “cozinha prática”, “quem tem tempo para preparar receitas complicadas?”, “torta ultra-rápida”. Esses termos demonstram a rapidez e a facilidade que a nova mulher do século XX almeja e necessita, diante das necessidades da modernidade líquida.

As próximas imagens também são recortes da revista Máxima que apresenta receitas de microondas. Na manchete há “cozinhe no microondas: receitas rápidas, práticas e gostosas para o dia-a-dia. Todas preparadas diretamente neste moderno aparelho”. Mais uma vez, a revista apresenta uma inovação tecnológica para facilitar o trabalho doméstico das mulheres: o microondas. Com ele, segundo a revista, é possível elaborar receitas rápidas e práticas para o dia-a-dia, demonstrando que no dia-a-dia da mulher, na nova modernidade, rapidez e praticidade são as palavras da vez.

Em ambos os casos, apresentam-se dois aparelhos tecnológicos, criados na modernidade, que facilitam a vida da nova mulher do século XX que necessita combinar suas duas jornadas diárias: a de mulher trabalhadora e a de mulher “dona de casa”, papel historicamente identificado à figura feminina. Assim, com o liquidificador e o microondas, as mulheres podem fazer receitas rápidas, práticas e gostosas, afinal, na modernidade, “quem tem tempo para preparar receitas complicadas?”.

Os cadernos guardam a memória das cidades como finalidade de arquivar a memória de uma sociedade. A memória arquivada da tradição é confrontada com a modernidade: as receitas antigas são retrógradas, complicadas, sem praticidade, o que revela o afastamento das tradições. Esse movimento evidencia a fragmentação e liquidez das identidades do mundo que refletem a história da vida humana. A memória é movimentada pela cultura, escolaridade, escolha das receitas demonstrando uma identidade da mulher.

De acordo com Possenti (2009), as receitas culinárias são constituídas de duas partes, divididas pelos títulos "ingredientes" e "modo de fazer". O autor esclarece que essas partes são diferentes, não apenas porque estão divididas por títulos, mas porque são oriundas de dois lugares sociais distintos: decorrem de dois tipos de saberes, de duas fontes, já que é comum uma mesma lista de ingredientes resultar em pratos bastante distintos. Para Possenti (2009, p. 40) "uma lista de ingredientes e os modos de prepará-los são, digamos, discursos de fontes diversas e que tratam de questões diferentes". Continua o autor afirmando que uma receita composta dessa maneira "é heterogênea, polifônica, é uma costura de diversos discursos, cada um proveniente de um espaço social específico" (POSSENTI, 2009, p. 41).

De acordo com Montanari (2008, p. 95-96):

> a comida não é 'boa' ou 'ruim' por si só: alguém nos ensinou a reconhecê-la como tal. O órgão do gosto não é a língua mas o cérebro, um órgão culturalmente (e, por isso, historicamente) determinado, por meio do qual se aprendem e transmitem critérios de valoração. (...) A definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas. (...) Mas o 'gosto' é também saber, é avaliação sensorial do que é bom ou ruim, do que agrada ou desagrada: e essa avaliação, como dissemos, vem do cérebro antes que da língua.

Assim, Montanari (2008) revela que a interferência dos discursos da modernidade nos cadernos de receitas das mulheres do século XX e XXI se justifica porque o gosto e os sabores são escolhas individuais determinadas por gostos sociais.

Segundo Bhabha (1998) as diferenças culturais criam novos signos de identidades por meio das pretensões concorrentes da comunidade, podendo tornar-se profundamente antagônico, conflituoso e incomensurável. Em relação às culturas, não há polaridades: abre-se espaço para o hibridismo cultural (diferença sem hierarquia suposta ou imposta). Segundo o autor o futuro, nessa perspectiva, seria o retorno ao presente, onde não deve

existir separação completa entre presente, passado e futuro. É certo que a globalização dos meios de comunicação foi um fator decisivo para a expansão que vemos atualmente. Assim, para ele, a internet e os meios eletrônicos, o cinema e a televisão aproximam as culturas criando a miscigenação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, salienta-se que as representações femininas são historicamente construídas a partir das influências das diversas sociedades ao longo dos tempos. As representações femininas no mundo ocidental estiveram geralmente ligadas ao casamento, aos trabalhos domésticos e ao cuidado com a família. As influências do cristianismo, da colonização e das sociedades patriarcais trouxeram para o Brasil uma figura feminina subordinada ao masculino. É certo que essas representações mudam ao longo dos tempos e, na modernidade que se instalou nos séculos XX e XXI, as representações femininas mudaram, revelando dois novos cenários de atuação: trabalho fora de casa e trabalho dentro de casa.

Todas essas representações femininas e suas mudanças são atestadas nos manuscritos culinários que guardam a memória feminina e os traços sócio-históricos da comunidade em que vivem as mulheres. Desde a permanência da representação da mulher afetiva, ligada ao amor e à família até as novas representações femininas a partir dos discursos da modernidade líquida que imprimem novas urgências: a rapidez, a facilidade, a praticidade. Os cadernos de receita, assim, demonstram uma história vivida, escrita e registrada por mulheres através de sua memória individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Den tzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FALCI, Miridan Konx. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Imagens 1 a 8: Arquivo Pessoal.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Senac, 2008.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.